

A(S) VOZ(ES) DO PASSADO – HISTÓRIA ORAL: PAUL THOMPSON X PHILIPPE JOUTARD

Heloisa da Silva - Doutoranda - UNESP/Rio Claro
Emerson Rolkouski - Doutorando - UNESP/Rio Claro

Resumo

Este texto tem como objetivo apresentar duas obras clássicas sobre História Oral, "Essas vozes que nos chegam do passado" de Phillippe Joutard e "A Voz do Passado" de Paul Thompson. No decorrer do trabalho apresentaremos de forma entrelaçada a visão de cada autor sobre a historiografia da História Oral até o surgimento do que denominamos História Oral Moderna, e algumas considerações sobre o significado e método na História Oral.

Abstract

This paper aims to present two classic works about Oral History, "These voices that come to us from the past", by Phillippe Joutard and "The voice of the past - oral history", by Paul Thompson. In it we present, in an intertwined way the views of each author about the historiography of Oral History up to the appearance of what we call Modern Oral History, and present some considerations on the meaning of and method in Oral History.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho realizamos um estudo com duas obras clássicas sobre história oral, a de Thompson (1978) e a de Philippe Joutard (1983). Em ambos, os autores abordam o movimento da história em diferentes localidades, apontando, nessa direção, os pioneiros da história oral. Discutindo desde os fundamentos teóricos até a elaboração de projetos e realização e análise do material de entrevistas no campo da história oral, os dois textos trazem, no decorrer de seus capítulos, as implicações do uso de fontes orais para a história e para a sociedade.

Pretendemos fornecer uma visão dessas obras, assim como trazer a tona questões que foram discutidas pelos autores ou cuja inspiração se deu a partir da leitura desses textos. Para tanto, nossa intenção é prover um embate entre os dois textos, dado que, tratando do mesmo assunto, os autores abordam questões que ora convergem e ora divergem.

É relevante lembrar que o livro de Joutard é quase um diálogo com o de Thompson e, sendo assim, apresenta questões que, atualmente, são polêmicas dentro da pesquisa em História Oral. São questões acerca das origens e da representatividade da história oral nos campos da ciência: "O surgimento da história oral se justifica pela ausência de documentação escrita ou quando ocorre o conflito entre oralidade e escritura?" "A história oral é um simples método a serviço de uma velha disciplina ou uma nova maneira de ver a história?". Além disso, Joutard destaca que apesar de seu texto e o de Thompson tratarem da historiografia da história oral basicamente acerca do contexto europeu e norte-americano, sua visão sobre os rumos e significado da história oral difere, em alguns aspectos, da de Thompson, principalmente porque a resistência ao novo método na França foi significativamente maior que em outros lugares da Europa. Nesse sentido, consideramos proeminente a discussão sobre as causas das visões distintas acerca da história oral advindas de estudiosos de diferentes localidades.

São essas as direções que seguiremos nesse embate. Assim, estruturamos nosso texto a partir de temas mais amplos abordados pelos autores. Iniciamos com uma discussão sobre a exposição dos autores acerca das origens da história oral; estendemo-nos para o seu movimento

através das diferentes localidades e, posteriormente, para questões voltadas mais propriamente para método e significado na história oral.

FINALIDADES DA HISTÓRIA: AS ORIGENS DA HISTÓRIA ORAL

Apesar de estarem sob um cuidado unilateral, as finalidades sociais da história são enumeráveis, na medida em que ela passa a ser de responsabilidade única dos historiadores profissionais, mantidos com recursos públicos e encarregados de escreverem a história ensinada nas escolas. Segundo Thompson é grande o número de historiadores que se preocupam muito pouco ou quase nada em discutir problemas sociais do passado com algum espírito de contestação ao sistema social e/ou político que possa fazer compreender problemas contemporâneos e, de alguma forma, provocar mudanças de posturas. A finalidade social da história, nesse sentido, é apenas a busca do conhecimento pelo próprio conhecimento.

Ainda pior que isso, a finalidade social da história pode estar atrelada a justificativas para guerras, dominações, revoluções, domínio de uma classe ou raça sobre a outra. A história pode ter a finalidade de servir de apoio para políticos que vêm nela fonte de alegoria para suas promoções: “vitórias imperiais, mártires, valores vitorianos, marchas da fome” (THOMPSON). Pode ainda ser criada ou apresentar lacunas mediante determinadas finalidades políticas ou sociais, como no caso dos “silêncios da Rússia sobre Trotski, da Alemanha Ocidental sobre a era nazista, da França sobre a guerra da Argélia” (THOMPSON).

Esse perfil admitido pela história principalmente nos anos finais do século XIX, segundo Thompson, é decorrente de seu enfoque essencialmente político, despreocupado com as vidas das pessoas comuns, com as realizações econômicas e religiosas, a não ser em épocas de crise, como no tempo da Reforma ou da Revolução Francesa. Isso, em parte, porque inicialmente os historiadores dessa época pertenciam, eles mesmos, às classes que administravam e governavam. Por outro lado, essa supressão do depoimento advindo de pessoas comuns devia-se à impossibilidade de um documento individual, local ou não-oficial existir: “a própria estrutura de poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem” (THOMPSON).

Ao discutir as circunstâncias da história oral na época em que a história se tornou Ciência, Joutard segue um caminho análogo ao de Thompson, considerando que no começo do século XIX a história constituiu-se como ciência com a adoção dos princípios da tradição beneditina por parte dos historiadores Niebuhr e Von Ranke, que exercitaram seu espírito crítico contra a tradição oral. Afirma que tais críticas foram corroboradas por historiadores franceses até o final do século XIX:

La critica tiene necesidad de saber si esas trasmisiones sucesivas han conservado o deformado la afirmación primitiva: sobre todo si la tradición recogida por el documento ha sido escrita u oral. La escritura fija la afirmación y hace que la transmisión sea fiel; por lo contrario, la afirmación oral aún es una impresión sometida a la deformación en la memoria del propio observador mezclándose con otras impresiones; al pasar oralmente por los intermediarios, deforma cada transmisión [...], la tradición oral es alteración continua por su naturaleza misma; así, en las ciencias establecidas no se acepta jamás otra cosa que la transmisión escrita (JOUTARD, 1999, p. 50).

Nem mesmo como fontes complementares dos documentos escritos a tradição oral encontra espaço entre os historiadores franceses. Joutard considera que no século XIX a história oral não teve espaço, com exceção de um único exemplo situado às margens da história dominante: as recordações das guerras do Oeste, recolhido por aqueles que não aceitavam a revolução.

Joutard lembra ainda que até mesmo Michelet, que se tornou referência na utilização de relatos orais ao escrever história, teve reservas na escrita de seu livro sobre a Revolução Francesa:

En lo pormenor, la lectura de *La Revolución Française* es bastante decepcionante. Por ejemplo, el testimonio de su padre sólo es evocado dos veces y cita un testigo ocular para el relato de la condena a muerte el rey, Mercier, pero que en este caso preciso redactó memorias. Finalmente, no se comprende muy bien el lugar que ocupa la encuesta oral en relación con la documentación escrita; en su último prefacio de 1868, al volver sobre el origen de su obra, declara: “Nació en el seno de los archivos” y prosigue mostrando la retahíla de documentos analizados, de papeles leídos. No hay la menor alusión a ningún documento oral. (JOUTARD, 1999, p. 52)

No entanto, o autor acredita que tal atitude de Michelet, considerado um historiador sério, se deveu ao fato de que, naquela época, o método histórico fundado unicamente no texto escrito havia deixado grandes progressos entre os historiadores.

Tanto Thompson quanto Joutard concordam que os efeitos cumulativos dos séculos XVI e XVII e, notadamente, o advento da imprensa, fizeram com que eclodissem uma porção de recursos históricos, tanto qualitativos quanto quantitativos. A partir de então, foram muitos os documentos impressos produzidos, por todo tipo de profissional, que valorizavam os costumes, leis, práticas tradicionais, comércio, finanças, agricultura, população. O campo de ação da história aumentou prodigiosamente com tais publicações. Várias formas de textos históricos foram produzidas como, por exemplo, o estudo da cultura popular, o romance histórico, a biografia e a autobiografia, cuja expansão entre a classe operária colaborou para com a sua presença política. Nesse período, “não havia uma divisão profissional entre os processos de criação de informação, construção de teoria social e análise histórica, de modo que elas caminhavam ora juntas, ora separadas” (THOMPSON). O desenvolvimento da separação e especialização do método de trabalho, da análise histórica e da teoria social vai impor-se rapidamente, no decorrer do século XIX.

São antropólogos que realizam a investigação itinerante em colônias e são sociólogos que fazem levantamentos nas sociedades “modernas”. Além disso, no caso de pesquisa com levantamentos, surgem diversos métodos em países europeus: o levantamento empírico, na Grã-Bretanha; a observação participante, na Alemanha e Grã-Bretanha; o levantamento sociológico, realizado a partir de entrevistas, na Grã-Bretanha e França; a técnica de entrevista conjunta, a qual se aproximou mais diretamente da história, também na Grã-Bretanha. Assim, nessa época, eram raros os historiadores que se utilizavam da oralidade para fazer história. Isso somente ocorria em contextos excepcionais ou fora da fronteira, como na África, onde britânicos e franceses realizaram vários registros das tradições nativas. Os trabalhos dos historiadores Michelet e George Sand, que se utilizaram notadamente de relatos orais para escrever história, são atualmente vistos como grandes obras históricas.

No entanto, foi com essas e outras tantas obras consagradas, redigidas no século XIX, que o documento torna-se o “conhecível” para a história. Suas raízes se originam em meio a “sonhos de românticos” junto a arquivos, ao ceticismo negativista herdado do Iluminismo e à formação acadêmica sistemática do historiador, originada na Alemanha de Von Ranke, que estimula o trabalho documental medieval. A partir daí, nota-se, no trabalho do historiador, um afazer elitista, protegido e interessado nos valores das classes superiores.

Tal enfoque demorou a mudar, mesmo com a ampliação do campo de interesse da história. Embora não pertencendo mais às classes gerenciadoras, os historiadores estiveram, por muito tempo, submetidos à era de burocracia, ao poder estatal, à ciência e à estatística. Escrever a história com um foco diferente a partir de fontes documentais era tarefa difícil de se cumprir. Como afirma Joutard:

Es cierto que los historiadores británicos piensan que las encuestas dieran a las novelas de Scott¹ una verdad que las convierten en documentos históricos indiscutibles. Pero, como era de esperarse, en el siglo XIX los historiadores profesionales, en particular Ranke, despreciaban a este literato romántico. (JOUTARD, 1999, P. 57)

Ainda que não se possa considerar uma mudança de enfoque, Joutard lembra que, até mesmo na França, o recurso às fontes orais não foi totalmente negligenciado. Motivados pela curiosidade quanto às culturas populares, os dialetos e suas relações com a nacionalidade, alguns jornais se puseram a realizar entrevistas. Além disso, a busca por estatísticas leva o governo a realizar uma série de questionários com dirigentes municipais. É através desse processo dialético envolvido por informação e interpretação entre história e comunidade, que a finalidade da história é transformada. Nesse sentido, “a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição” (THOMPSON).

Como se pode notar, foram muitos os locais e ocasiões onde os recursos orais foram utilizados. No entanto, nos perguntamos: Dadas as resistências ao novo método de escrever história, a partir de quando a fonte oral foi considerada evidência histórica? Para Thompson, apesar da história oral ser vista como uma nova abordagem da evidência, sua expressão tem um passado consideravelmente remoto. Segundo ele, já no séc. V a.C., o método de Heródoto já tentava avaliar a evidência histórica procurando testemunhas e interrogando-as rigorosa e minuciosamente. Além disso, a tradição oral utilizada nas sociedades pré-letradas para se transmitir histórias de uma geração a outra, já significava a prática da história oral. Por isso, considera que a posterior ascensão do documento escrito em detrimento da oralidade no trabalho do historiador se justifica através do rumo que essas fontes tiveram no processo de desenvolvimento das técnicas utilizadas nas sociedades.

Entretanto, de acordo com Joutard seria ingênuo considerar Heródoto um precursor da história oral e, nesse sentido, argumenta:

Toda nueva disciplina busca antepasados prestigiosos cuanto más vulnerable se siente y más debe justificar su audacia. Los primeros historiógrafos de la historia oral, Louis Starr o Paul Thompson, no escaparon a esta tentación, sobre todo porque podían encomendarse al padre de nuestra disciplina, el propio Heródoto. Yo mismo le rendí pleitesía en un primer artículo sobre el problema. Pensándolo bien, no estoy seguro de que hayamos estando en lo cierto (JOUTARD, 1999, p. 17).

Para este autor, o surgimento da história oral só se dá a partir do aparecimento de uma valorização da fonte oral em relação à fonte escrita. Afinal, o verdadeiro problema se constitui quando o oral passa a competir com uma abundante documentação escrita. Conclui então, que o primeiro historiador a reconhecer a primazia do testemunho oral sobre o escrito é Políbio (210-126 a.C.)², quando já existe uma coleção de fontes escritas em forma de obras históricas.

Entendemos que a colocação de Joutard acerca do surgimento da história oral é sensata na medida em que o termo “história oral” é inventado quando a fonte oral não é admitida pela ciência História. Como afirma o autor, os anglo-saxões, iniciadores na matéria, consideraram apropriado o adjetivo “oral” ao término história, pois é como se estivessem criando uma disciplina diferente. Entretanto, cabe observar que Joutard continuou a insistir no equívoco que ele próprio condenou em Thompson ao buscar os antepassados prestigiosos da disciplina em Políbio.

¹ O autor se refere a um escritor escocês, Walter Scott, que escutou as tradições orais de seu país e as escreveu em forma de novela da vida real.

² Historiador das Guerras Púnicas, Políbio argumenta que o verdadeiro historiador é aquele que sai em busca não somente do trabalho sedentário da leitura de livros em bibliotecas, mas também de um dedicado estudo comparativo dos erros cometidos pelos historiadores anteriores através de entrevistas pessoais.

No entanto, há de se compreender que a crítica de Joutard é fruto de uma sensibilidade histórica nacional diferente da existente nos outros países europeus. Na França a trajetória de ascensão da história oral foi bem mais lenta que na Inglaterra. A história oral só se inicia na França na década de 1970, através dos projetos que floresceram primeiramente no meio rural e posteriormente nas cidades a partir das iniciativas de etnologistas, linguistas e sociólogos interessados pelas causas da comunidade. A história oral cresceu na França, em forma de luta por sobrevivência.

Como afirma o próprio Joutard, essa diferença de opiniões tem mais a ver com expressões de sensibilidades históricas nacionais distintas do que com diferenças individuais, afinal “Um dos méritos da história oral não é o fato de fazer aparecer as trajetórias diversas das historiografias nacionais?”(JOUTARD). Essa é uma questão que tem sido muito discutida em referências atuais.

Meihy (2000) trata da trajetória da história oral ocorrida na América-latina, cujas bases se apresentam em circunstâncias totalmente diferentes das da história oral européia ora descrita por Thompson e Joutard. O historiador brasileiro questiona os critérios analíticos adotados para a narrativa da história oral brasileira:

Seria a nossa história oral apenas eco da história oral “primeiro-mundista”? Teriam “eles” o que nos ensinar sobre imigração, sociedades indígenas, miscigenação, experiências de escravos negros e crianças abandonadas? (MEIHY, 2000, p. 87 – 88).

Propõe, então, a formulação de conceitos próprios pela história oral no Brasil. Essa postura acerca da história oral supõe a necessidade de se gerarem alternativas que dêem voz aos grupos, incluindo aí as nações, de uma forma ou de outra, silenciados, bem como a “superação” da história oral como um “*locus* multidisciplinar”, vindo a ser, por esses aspectos, uma nova disciplina.

De qualquer modo, há de se concordar que a história oral não ocorre da mesma forma e nem ao mesmo tempo em todas as localidades. Assim como o manuscrito, a imprensa e o arquivo fizeram mudar o caráter da história no passado, o telefone, os gravadores e, atualmente tantas outras tecnologias, favorecem a pesquisa histórica por meio de depoimentos orais. Nesse sentido, traremos a seguir do surgimento do que Joutard denominou de história oral moderna e o que para Thompson significou a volta da ascensão da História Oral.

O MOVIMENTO DA HISTÓRIA ORAL MODERNA

É unânime a idéia de que o crescimento mais impetuoso da História Oral aconteceu na América do Norte, pouco depois da segunda Guerra Mundial, onde estudos utilizando métodos variados, como a entrevista direta, a observação participante, a pesquisa documental, o mapeamento e a estatística, além do especial interesse pelo método da história de vida, promoveram estudos importantes a respeito de problemas sociais urbanos. Foi também nos Estados Unidos que, com a enfática atenção dada às memórias de personalidades importantes da história norte-americana, fundou-se a Oral History Association, a qual, em 1948, instituiu a história oral como uma técnica moderna de documentação histórica. Essa noção perdurou por muitas décadas e somente na década de 1970, o método foi revivido com interesse em outras histórias, como a dos índios, dos negros e das mulheres.

Thompson e Joutard também concordam que a história oral “institucionalizada” ultrapassou essas fronteiras somente ao final da década de 1960, se difundindo de formas variadas. A maior concentração de pesquisas que se utilizaram dos recursos orais deu-se na Europa Ocidental. Analisando os trabalhos apresentados em conferências, Thompson observou atividades consideráveis na América Latina, concentradas principalmente no México, Argentina e Brasil; Austrália; Ásia, e África. Na Espanha, o autor afirma que pela espera do fim do longo regime Franco, e na Alemanha, pelo impacto do nazismo, a utilização da história oral se deu mais tardiamente.

Para Joutard, o início da história oral na Europa se deve à Escandinávia, cujo interesse estava na preservação de seus dialetos, cabendo aos britânicos sua institucionalização, com uma história oral marcadamente não universitária, dando ênfase à história da família e de mulheres que vivem no campo.

Quanto à França, Thompson justifica que o retardamento no desenvolvimento da atividade em história oral deu-se pela concentração de pesquisa acadêmica, carente de vínculos com comunidades locais. Segundo ele, a maior parte do trabalho comunitário em língua francesa se localiza fora da França, na Bélgica, embora o sul do país concentre pesquisas pioneiras em história oral advindas do grupo liderado pelos sociólogos Daniel e Isabelle Bertaux e Philippe Joutard. As justificativas de Joutard vão ao encontro das de Thompson, quando ele argumenta que o retardamento da história oral ocorrida na França se deve também ao mal entendimento entre a etnologia e a história, cujos representantes não viam ligações entre as áreas. Aliás, os historiadores pouco se interessavam por arquivos orais:

Los historiadores se interesan únicamente por Europa, por la historia política, por la vida de los príncipes y de los grandes, no tienen necesidad de buscar otros documentos; Langlois y Seignobos son perfectamente claros al respecto: las creencias populares no son “historia sino folclor”, y el desprecio de nuestros profesores universitarios por el folclor asociado a la anécdota es evidente. A la jerarquía sociocultural le corresponde una jerarquía de las disciplinas que remite a su vez a una jerarquía de los documentos. (JOUTARD, 1999, p. 51)

O lugar comum dessas disciplinas se deu somente em 1913, graças aos Arquivos da Palavra, onde foram reunidos mais de 200 discos com relatos curtos dos trabalhos do campo, contos populares e canções. No entanto, Joutard afirma que os historiadores continuaram a se esquivar de tais arquivos, sendo estes orientados somente pela etnologia e lingüística. Tudo isso mostra como os historiadores franceses estiveram ausentes no processo de desenvolvimento da história oral, dando lugar a lingüistas, etnólogos e jornalistas. De acordo com Joutard, a história oral inicia-se na França em 1975 com os arquivos do Seguro Social, em Paris, e com as experiências dos etnotextos de Aix. Isso significa vinte e sete anos depois dos Estados Unidos e oito anos depois da Inglaterra. O autor relata o primeiro Encontro francês, que ocorreu em 1980, sob a égide da História do Tempo Presente.

No entanto, considera, embora tomando como o marco de aparecimento da história oral francesa 1975, que já na década de 1960 houve utilização de entrevistas (inclusive sobre Educação), ressaltando o trabalho de Mazières-en-Gâtine, cuja pergunta dirigia-se à função da escola primária nas transformações econômicas e sociais.

Mesmo considerando este período como o nascimento da história oral, Joutard afirma que não seria justo desconsiderar que a primeira instituição a gravar pessoas de idade com objetivo de constituir arquivos orais foi sueca, e não americana e que, trinta anos antes, irlandeses, ingleses, italianos, polacos e, inclusive, os franceses apresentaram trabalhos contemporâneos ou até mesmo anteriores aos americanos. Não obstante, se considerarmos a institucionalização de uma prática com caráter sistemático e uma técnica bem definida podemos afirmar que a história oral começou em 18 de maio de 1948, quando Allan Nevins, da Columbia University, conduziu uma primeira entrevista a um político da cidade, George Mac Aneny.

Joutard, no entanto, remete uma citação de Allan Nevins que nos faz refletir sobre todo este caminho um tanto quanto tortuoso que o próprio historiador francês seguiu, procurando, assim como Thompson, traçar a historiografia da história oral:

Comencemos por desembarazamos del mito de que yo tendría que ver con la fundación de la historia oral. Ella se fundó por sí misma. Se había convertido en una necesidad patente y habría nacido en una docena de lugares por lo menos y en cualquier

circunstancia (NEVINS apud JOUTARD, 1999, p.116).

O fato é que, como afirma Joutard, esse gosto pela entrevista oral se insere em um amplo movimento de busca pela identidade de uma relação mais causal e mais viva com o passado, de um enraizamento em uma linhagem. Além disso, tanto Thompson quanto Joutard consideram que estamos diante de uma civilização essencialmente oral, dado que o telefone diminuiu consideravelmente a quantidade de cartas e documentos escritos.

Entretanto, os autores levantam essa questão do advento e da necessidade da história oral porque estávamos, à época do lançamento de seus livros, inseridos em uma civilização oral, qual seria o papel da história oral hoje, numa sociedade que vive sua era tecnológica?

Portelli (2000), adentrando nessa discussão, ressalta a importância do diálogo e do papel da história oral na busca pela sua preservação. Julga, inclusive, caber à história o desafio de renovar a questão do diálogo, denunciando ainda a monopolização da indústria de informática e computadores.

Mas seria a função da história oral apenas a preservação da oralidade? Foi apenas pelo advento das tecnologias que tantos historiadores lutaram por um reconhecimento da utilização das fontes orais para fazer história? Segundo a trajetória que procuramos traçar até o momento, diríamos que não. Arriscamos afirmar que a função da história oral passa pelas relações de poder estabelecidas dentro da academia e se coloca sob uma finalidade que difere da tradicionalista, quando sua intenção é escrever não a única, mas uma das possíveis versões da realidade. Nas palavras do próprio Thompson:

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (THOMPSON, 1978, p. 25).

Nesse sentido, entendemos que desacreditar essa “história real” seja um dos princípios inegociáveis do historiador oral.

SIGNIFICADO E MÉTODO NA HISTÓRIA ORAL

Primeiramente queremos ressaltar que de acordo com Thompson embora se possa tratar de método e significado de forma independente, na verdade, são temas inseparáveis. Mas, do que trata o método e do que trata o significado?

“A reconstrução que fazem do passado baseia-se na autoridade de quem? E com vistas a quem ela é feita? Como escolhemos a quem ouvir?” Enfim, De quem é(são) a(s) voz(es) do passado? são questões que dizem respeito à dimensão do método. “Até que ponto é confiável a evidência oral? Ela equivale às fontes documentais com que o historiador moderno está mais familiarizado? O que levou o método documental a seu triunfo restritivo e poucas vezes amenizado? Como se deu o reflorescimento da história oral? História Oral ou arquivos orais?” são questões relacionadas ao significado.

Tanto Thompson como Joutard, ainda que em diferentes contextos e com diferentes ênfases, discutem questões que convergem para os diversos rumos que a história pode tomar e, portanto, para os diferentes papéis que ela pode exercer na sociedade, dependendo da evidência escolhida. Essa é uma demanda política que está sujeita à posição pessoal de cada historiador. Nesse sentido, a utilização da história oral pode ser tanto instrumento de facções conservadoras quanto de mudanças políticas e sociais, ou mesmo um meio de transformação do teor e finalidade da história.

Quando se trata de História Oral é inevitável o embate com a crítica sobre a fidedignidade das fontes consultadas. De fato, os autores não desconsideram a parcialidade da fonte oral, no entanto, Joutard rebate críticas a esse respeito afirmando que o que é verdadeiro para um indivíduo

o é com maior razão para uma coletividade, cuja capacidade para elaborar sua história oficial é muito forte. A interpretação das lacunas, das ausências, das distorções com o real conhecido está no centro da análise do documento oral. Segundo o autor, uma das raízes da dificuldade em realizar este tipo de análise é o fato de que os historiadores positivistas nos ensinaram a apenas distinguir o verdadeiro do falso, mas não a considerar o falso como significativo. Se a fonte oral é carregada de parcialidade, ao menos se conhece o depoente para sabermos de que lado ele está. Assumir esta subjetividade é indicar claramente as condições de cada projeto, a perspectiva considerada, o roteiro implícito ou explícito considerado, as circunstâncias precisas de cada encontro, a preparação do depoente, lugar da gravação, incidentes ocorridos.

Uma outra discussão de grande importância é a questão da análise dos depoimentos. Para os seguidores mais convencidos da história oral, para quem esta prática tem sido o meio de encontrar o povo, colocar o historiador entre o testemunho e o leitor é um sacrilégio. Em sua opinião é retirar a pouca voz que resta. Para estes, o trabalho do historiador deve se resumir em publicar e apresentar as histórias de vida. Sobre este ponto de vista Joutard é claramente contra, denominando estes seguidores de românticos. O autor considera que não é uma ofensa aos interlocutores, nem um desprezo, se suas opiniões são submetidas à análise, ao contrário, pensa que, desta maneira outorga-se-lhes a posição de depoentes com plenos direitos. Mostrar que suas memórias são seletivas não é outra coisa que mostrar-lhes que tem uma memória, pois é o esquecimento parte da memória. Continuando, considera que o que constitui precisamente o interesse pelo testemunho oral é a relação entre a lembrança espontânea, a recordação solicitada e o silêncio. A ausência é tão significativa quanto a presença. Não se deve interpretar o esquecimento como uma falha, mas sim como simples reprodução da realidade passada.

Joutard e Thompson defendem que se deve realizar uma espécie de triangulação com a documentação escrita, com outros testemunhos e com as diversas fases do discurso do testemunho, a fim de compreender melhor a história e o próprio depoimento. Nesse momento, em que o objetivo fundamental passa a ser a análise, “a forma global já não pode ser orientada pela história de vida como forma de evidência, mas deve emergir da lógica interna da exposição [...] e o material deve ser interpretado com plena consciência do contexto em que foi coletado, das formas de viés a que está sujeito e dos métodos de avaliação então necessários” (THOMPSON). Neste sentido, é mister levar em consideração que o que está sendo produzido se trata de um material que não só foi descoberto, mas que, de um certo modo, ajudou-se a criar, sendo desta forma, totalmente diferente de qualquer outro tipo de documento. Nesse sentido Thompson conclui que:

A elegância da generalização histórica, ou da teoria sociológica, flutua muito acima da experiência da vida comum que está na raiz da história oral. A tensão percebida pelo historiador oral é a tensão básica: entre história e vida real (THOMPSON, p. 305).

Com essa visão de história Thompson enfatiza que, ao avaliar o material contribuinte, o historiador não deve se furtar de busca complementar, esta possibilitada tanto através de novas entrevistas, como de documentos disponíveis. Defende que, na medida em que comparado ao trabalho de um cientista, nota-se que:

Todo trabalho histórico padece da desvantagem inevitável de ter que trabalhar a partir de casos reais disponíveis e não de experimentos especialmente criados [...] (e por isso) os historiadores têm que testar suas idéias com um processo lógico muito semelhante ao da prova jurídica, sempre vulnerável à descoberta de evidência subsequente (THOMPSON, p. 322).

O autor acrescenta que, para se fazer valer, é essencial que a pesquisa histórica situe suas fontes no contexto mais amplo da época apreciada, ou seja, os entrechoques da narrativa política da ocasião, assim como as pressões invisíveis da mudança econômica e estrutural, que raramente

influenciam as lembranças dos homens e mulheres comuns, ajudam a definir o contexto. Não obstante, lembra que essa compreensão da constituição do contexto de uma época é, sem dúvida, auxiliada pelas fontes orais, visto que essas muitas vezes apontam a existência de algum equívoco básico na dinâmica da mudança social. Equívoco esse advindo essencialmente da priorização das pressões coletivas e institucionais em detrimento ao efeito cumulativo das pressões pessoais relativa a essa mudança.

Apesar de serem fundamentais as influências do sistema econômico, da tecnologia e de recursos sobre o modo como os homens e as mulheres vivem suas vidas, a economia deve ser considerada uma criação social e, mais do que isso, deve-se ponderar que parte de sua concepção se dá na família. Sendo assim, os valores transferidos entre gerações, assim como a personalidade moldada dentro da família, são questões de importância crucial para a história. Isso, segundo Thompson, requer exame em diversos níveis, sendo que seus destaques no texto vão para os *padrões culturais e configurações emocionais*, cuja propagação se dá através das gerações de diferentes famílias. Para tanto, esse autor ressalta a necessidade de se valer da utilização da teoria, cujos tipos gerais destacáveis no período em que escrevia são a teoria marxista da sociologia geral e a psicanalítica baseada na personalidade humana, donde o papel da história oral é realizar o que tais teorias não conseguem fazer em separado, ou seja, associar intrinsecamente o objetivo com o subjetivo e conduzir a história por entre os mundos público e privado; conjecturando “até que ponto o sistema econômico e social molda a personalidade, ou o sistema é, ele próprio, moldado por impulsos biológicos básicos” (p. 333).

Considerando essa perspectiva, fica claro que Thompson esteve longe de querer compartilhar do discurso acerca da verdade única e exclusivamente instituída. No entanto, uma análise atual e mais radical de seu trabalho, coloca em cheque questões que estão longe de estarem resolvidas: Estando a história oral, sob finalidades diferentes daquelas que exclui, adotando, pelo contrário uma forma democrática de escrever a história, partindo de verdades advindas das vozes dos excluídos, dos esquecidos, visto que a dos privilegiados já é evidenciada, não estaria ela se firmando, por essa causa que é política, como uma disciplina e não somente uma técnica? Ao considerar a fonte oral como “mais uma fonte” não estaria o autor se rendendo a uma objetividade, cujas decisões podem estar se nivelando aos critérios analíticos das demais fontes documentais? Essas e outras são questões levantadas por Joutard e ressaltadas atualmente, sob novas críticas, em uma coletânea de artigos que discute os desafios da história oral para o século XXI (Ferreira, Fernandes e Alberti (orgs.), 2000).

Joutard conclui seu livro retomando o debate: "se espera encontrar na história oral o meio de estabelecer uma contra-história, outra história que se oporia a oficial e dominante?" Certamente a história oral dá a palavra aos silenciosos da história, no entanto o autor lembra que o discurso dos vencidos pode trazer o revés do decorado. Para esse autor o grande mérito da história oral é trazer à luz realidades que encontraríamos talvez diluídas na imensidade do escrito, porém impossíveis de distinguir se não estivéssemos sensibilizados para elas.

Palavras Chave : História Oral ,Método, Significado

BIBLIOGRAFIA:

FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V (orgs.). *História Oral: Desafios Para O Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

JOUTARD, P. *Esas voces que nos llegan del pasado*. Trad. Pasternac, N. 2ª Ed. Fondo de Cultura Económica, 1999.

MEIHY, J.C.S.B. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fio Crus/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: Ferreira, M., M., Fernandes, M., Alberti, V. (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fiocruz. 1ª Ed. p.67-72. 2000.

THOMPSON, P. *A voz do passado – História Oral*. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.